

Aline Bei. *Pequena coreografia do adeus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 264 p.

Ao olhar para o passado e revisitar memórias, há um arcabouço de sentimentos possíveis: saudade, nostalgia, carinho, raiva, dor. Há, também, aqueles e aquelas que não conseguem, com precisão, determinar os limites entre seu passado, seu presente e seu futuro, vivendo num emaranhado de momentos, instantes, períodos dos quais não se sabe bem a localização na linha do tempo da vida. Para essas pessoas, o passado não as atinge de modo igual, pois o passado ainda *é*. Descrever os momentos que já se viveu é complicado, pois eles ainda acontecem e atingem de forma presente. E, para essas pessoas, o importante é dizer adeus.

Na obra *Pequena Coreografia do Adeus*, a escritora contemporânea brasileira Aline Bei traz um relato ficcional sobre infância, solidão, abandono e recomeço. Reconhecida pela sua sensibilidade, a autora toca na ferida dos leitores ao conectá-los com a dureza da vida por meio de uma escrita inovadora e pessoal, trabalhando com as palavras como se elas fossem formar uma bela coreografia de dança. Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Artes Cênicas pelo Teatro-Escola Célia Helena, Aline Bei se consagra como um dos grandes nomes da literatura atual, emocionando com suas belas e trágicas histórias, tão reais e ao mesmo tempo tão impactantes.

Percorrendo as entranhas da infância de Júlia Terra, personagem principal da obra, o resgate aos traumas do passado é o fundo principal da primeira parte do livro – e se faz presente em sua totalidade. Logo na epígrafe de *Pequena Coreografia do Adeus*, a autora traz um trecho do poema de Juan Gelman em que se comenta a importância de reconhecer o passado para se libertar dele. A personagem narra fatos traumáticos do passado como uma cicatriz ainda aberta e permanente em sua alma. O passado, para ela, tem um valor maior, pois ele se refaz todos os dias em sua memória.

Inspirada na obra de Rainer Maria Rilke, *Cartas a um Jovem Poeta*, Aline Bei vasculha a infância dessa personagem, pois é o período da vida que mais deixa marcas em qualquer ser humano.

Mesmo que estivesse em uma prisão, cujos muros não permitissem que nenhum dos ruídos do mundo chegasse a seus ouvidos, *o senhor não teria sempre a sua infância, essa riqueza preciosa, régia, esse tesouro de recordações? Volte para ela a atenção.* Procure trazer à tona as sensações submersas desse passado tão vasto; sua personalidade ganhará firmeza, sua solidão se ampliará e se tornará uma habitação a meia-luz, da qual passa longe o burburinho dos outros. (RILKE, 2019, p. 26.).

É movida por esse sentimento de infinitude presente na infância, em que o que se vive é revivido durante toda vida, que Júlia recorda os momentos em que morava com sua mãe e seu pai na casa que não se podia chamar de lar. As surras que levava da mãe e o abandono que sentia do pai faziam parte do cotidiano da criança, que descontava sua infelicidade nas únicas amizades que possuía.

A forma como a autora descreve o momento mais delicado da vida de Júlia Terra – o divórcio dos pais – combinando o seu estilo de escrita com os sentimentos da personagem, demonstram a genialidade da obra:

[...]
aos poucos fui percebendo
que nenhuma relação que eu estabelecesse no futuro
viria sem esta conta
da quebra
da inocência, quando as pessoas se casam elas não ficam juntas para todo o sempre?
Então não há segurança
Com nada e com ninguém?
ao longo dos anos
e por trás de cada relação que eu estabelecesse
me assombrava a certeza de que
as pessoas
se Abandonam
muitas nem se amam, se casam por medo
da Solidão e
têm filhos
pelos mesmos motivos. (BEI, 2021, p. 52.).

O divórcio dos pais de Júlia mostrou que nenhum acordo ou laço consanguíneo possui alguma garantia. E a *quebra* – lindamente representada na quebra de parágrafos no meio da frase – dessa inocência é que mais impacta o fim da infância da personagem, que se vê conhecendo o mundo imperfeito dos adultos da maneira mais dolorosa possível.

O psicanalista Freud traz em sua obra *O Mal-Estar na Civilização* a seguinte constatação: “não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai.” (1997, p. 19). Júlia sempre esperou esse afeto e consolo do pai que, embora não a machucasse fisicamente como a mãe, a feria em mesma proporção ao negligenciá-la nos momentos em que o que ela mais precisava era do carinho paterno. E, no momento em que ele saiu de casa para nunca mais retornar, a personagem se reduz a nada.

meu pai disse que tinha o direito sim, todos, e mandou minha mãe para o inferno
mas na verdade quem foi para o inferno, pai?

eu (BEI, 2021, p.67)

Com essa bagagem de lembranças percorremos infância, adolescência e início da vida adulta de Júlia Terra. Embora tendo enfrentado um passado traumático, a personagem decide encerrar o ciclo de violência e descaso: não reproduziria a violência que a mãe havia sofrido da avó e repassado para a filha. E, para isso, ela teria de se despedir, aos poucos, de seu passado.

O texto, em formato de versos, forma uma bela coreografia, que tem como *grand finale* a descoberta de um recomeço. A personagem percebe que há muitas possibilidades de futuro, mas que é necessário despir-se dos traumas passados. E nesse adeus, que de certa forma pega os leitores desprevenidos, há tantos caminhos, rumos e variações possíveis, que resta ao leitor imaginar e esperar um *depois* melhor. E que se aguarde o próximo *show*.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

Yasmin Dornelles

Graduanda em Letras na UPF